

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma zoonose micótica causada principalmente pela implantação traumática de espécies do complexo *Sporothrix schenckii*. Acomete cães, gatos, equinos, entre outros mamíferos, porém os gatos de companhia são os grandes responsáveis pela transmissão ao homem através de arranhaduras e mordeduras. No Rio Grande do Sul, os primeiros relatos da doença ocorreram em 1964, entretanto, a transmissão zoonótica passou a ser pesquisada nas duas últimas décadas (NOBRE et al., 2002). Na região metropolitana do Rio de Janeiro, a esporotricose representa um sério problema de saúde pública, onde é endêmica e negligenciada. O diagnóstico deve ser realizado imediatamente ao aparecimento dos sinais clínicos para aumentar as chances de cura, além de prevenir a exposição de humanos e/ou animais do contato com os doentes. O tratamento é longo e dispendioso, fato que agrava a situação. No RS, ainda há carência de estudos epidemiológicos sobre esta zoonose.

OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivos compilar os diagnósticos de esporotricose realizados na FaVet - UFRGS entre 2004-2014 e conhecer a frequência da micose na região metropolitana de Porto Alegre e arredores.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os espécimes clínicos encaminhados ao Laboratório de Micologia foram provenientes do HCV-UFRGS, do Setor de Patologia Veterinária e de clínicas particulares. As amostras obtidas de *swabs* das lesões, biópsias ou de necropsias foram semeadas em Ágar Sabouraud - Cloranfenicol com e sem Ciclohexamida. Realizou-se a incubação em estufa a 25-28°C, entre 15 e 30 dias. Nesta condição a colônia desenvolve um micélio aéreo branco, podendo atingir um aspecto marrom-escuro, correspondente à fase filamentosa. Por se tratar de um fungo dimórfico, as colônias obtidas são semeadas em meio BHI e incubadas a 35-37°C, durante 7 dias, para que ocorra a conversão à fase leveduriforme, com colônias de aspecto cremoso de coloração creme. A identificação também pode ser feita através da microscopia das colônias obtidas. A análise citopatológica também foi preconizada para o diagnóstico. Nesta técnica emprega-se a coloração com o Panótico Rápido nos materiais obtidos por *swabs* ou *imprints* das lesões ulceradas. Neste caso, a presença de estruturas leveduriformes ovaladas, arredondadas ou em forma de charuto, livres ou no interior de macrófagos é suficiente para estabelecer o diagnóstico.

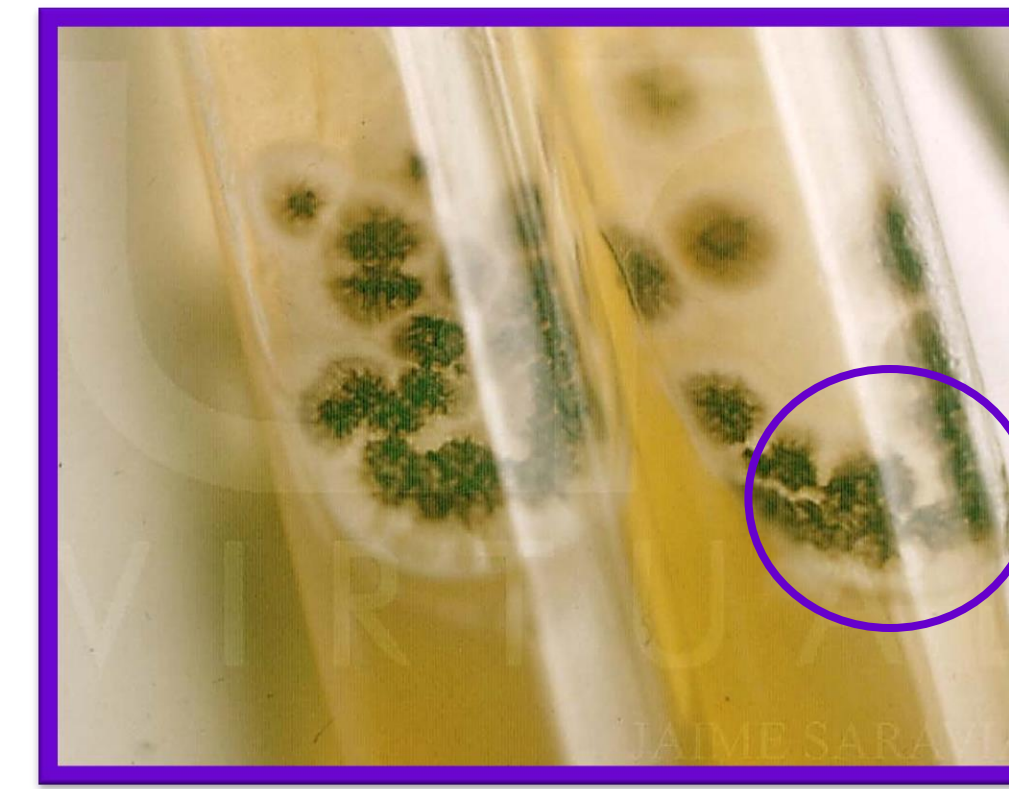
RESULTADOS

Até o momento, foram confirmados 16 diagnósticos de esporotricose, dos quais 9 (56,25%) foram obtidos pelo cultivo micológico e 7 (43,75%) confirmados pelo exame citopatológico (Tabela 1).

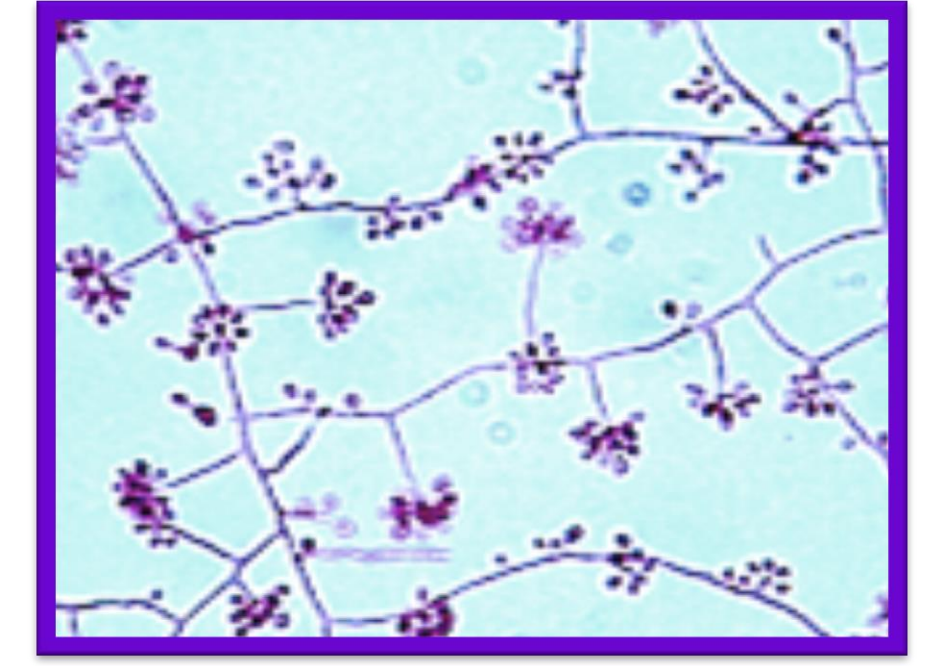
Tabela 1. Diagnósticos de esporotricose realizados no Laboratório de Micologia, FaVet - UFRGS, entre 2004 e 2014.

Espécie	Cultura Micológica	Exame Citopatológico	Material	N
felina	positiva	positiva	<i>swab</i>	2
felina	positiva	negativa	<i>swab</i>	2
felina	positiva	NR	<i>swab</i>	2
felina	positiva	NR	biópsia	1
felina	contaminantes	positiva	biópsia	1
felina	NR	positiva	<i>imprint</i>	5
canina	positiva	positiva	<i>swab</i>	1
canina	NR	positiva	<i>imprint</i>	1
equina	positiva	positiva	biópsia	1
NR = não realizado			Total	16

Diagnóstico Micológico



Cultura da fase filamentosa de *S. schenckii* (Ágar Sabouraud - Cloranfenicol com e sem Ciclohexamida, 25°C / 15-30 dias)



Microscopia de *S. schenckii* (coloração Lactofenol azul de algodão)

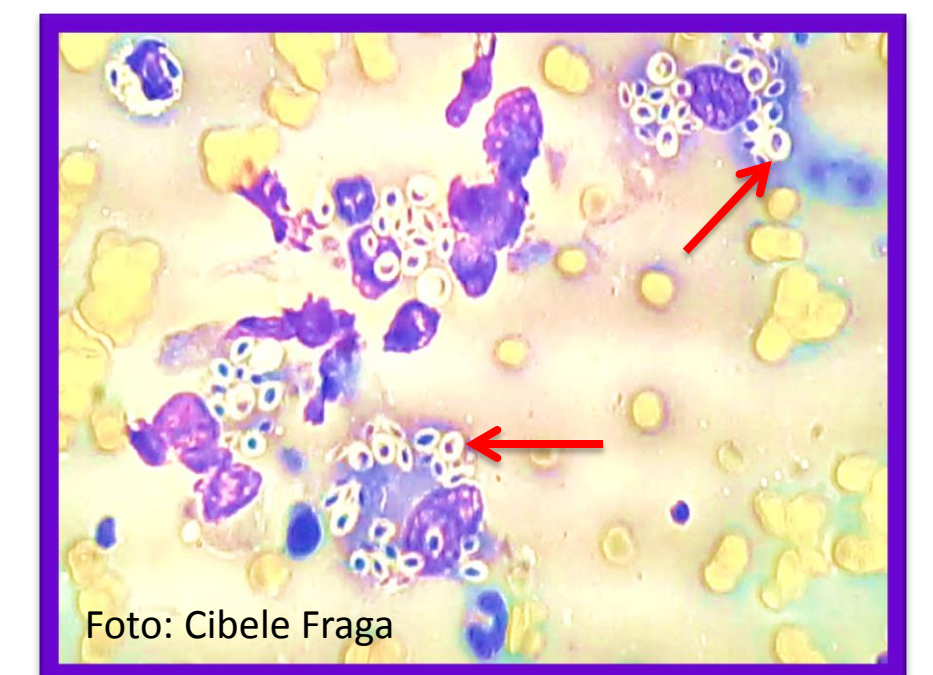


Colônia convertida à fase leveduriforme do *S. schenckii* (BHI, 37°C / 7 dias)

Exame citopatológico



Coleta para exame citopatológico = *imprint* da lesão. Foto: Lapclin - Dermatozoonoses, INI - Fiocruz



Exame citopatológico: observação de estruturas leveduriformes pleomórficas em halo claro (setas).

CONCLUSÕES

- ✓ A maior parte dos diagnósticos foi obtida através do cultivo micológico que representa o melhor método diagnóstico, apesar de fastidioso.
- ✓ Através da observação de estruturas leveduriformes, no exame citopatológico, foi possível o diagnóstico presuntivo da esporotricose.
- ✓ Na região metropolitana de Porto Alegre há indícios da ocorrência da doença nos municípios de Canoas, Viamão e da própria capital, assim como na cidade de Osório (litoral norte).
- ✓ Locais de aglomerações de animais, como abrigos, sugerem atenção especial na epidemiologia da micose.
- ✓ Destaca-se a importância de se conhecer a situação epidemiológica desta zoonose e sua distribuição no RS, bem como alertar para ações de saúde pública.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M.B.L. et al. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. *Rev Panam Salud Publica*, Washington, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.
- CRUZ, L. C. H. Micologia veterinária, 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010, 348 p.
- NOBRE, M. O. et al. Esporotricose zoonótica na região sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. *R. bras. Ci. Vet.*, v. 9, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2002.
- PEREIRA, S. A. et al. Sensitivity of cytopathological examination in the diagnosis of feline sporotrichosis. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. London, v. 13, p. 220-223, Apr. 2011.
- PEREIRA, S. A. et al. The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop*, Uberaba, vol. 47 n. 3, maio/jun. 2014.
- SILVA, M.B.T. Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 10, p. 1867-1880, out. 2012.